

criação literária



*Tritura um pedregulho de rimas
e engole a fábula
da indigestão
nasce o verso*

Godofredo Filho

ALDO DAS VIRGENS***TUDO TEM UM BRILHO II**

Depois da eutanásia universal,
da universalidade ultramonstruosa,
entre eternas noites funéreas,
diante das lágrimas de terror mortuário,

um sorriso, uma felicidade, uma alegria,
no pandemônio de um mundo lodoso.
Um calor, uma ternura na vida fria.
Uma candura num antro nojoso.

Porém existe a gula negra
num ser que tudo esbandalha,
que tudo caça, como cadáver,
a multidão de vermes

* Nasceu em São Vicente (SP), reside, hoje, em Feira de Santana (BA). Aluno do curso de História, 5º Sem., UEFS. Publicou *Farsa I e II* (poemas)

CINZAS

Caminhava o certo final.
A evocação da tristeza e da dor.
É o destino, este fiel que dá o sinal
que para o insatisfeito é de amargo sabor.

Algo que pelo arder era incandescente.
Contudo, o fim traz a cinza fria.
E tudo que principia termina um dia.
... Não eram cinzas, eram brasas encobertas.

Eu estive com Byron.
Com lágrimas... exalando suor ou
orgias
... é só querer, de larva a deus
sair para o sol da cova fria.

Eu estive no *underground* com o I. Ficamos olhando o cadáver insepulto. Transamos narguilles e a meretriz, saímos anos após, loucos, sujos e

ÁUREO AUGUSTO*

O melhor é que não há lugar.
Sim um viço
corpo como folha ao vento
barandão preso ao talo
cordão balançando no infinito.

Onde?
talvez acolá
de lugar algum
caminhar com os pés postos
no vazio interno
grávido
como uma mulher depois do cio completo
perdido como qualquer bêbado
feliz como um bêbado
ébrio das canções
filtradas entre as folhas
das árvores das ruas
dos cristais encantados
nas cavernas do coração.

* Nasceu em Salvador(BA), reside, atualmente, em Caeté-Açu (Palmeiras-BA).
Formado em Medicina pela UFBA. Introduziu, neste estado, o parto Leboyer e de cócoras.
Co-fundador do Cotheorien - Centro de Vida Natural.

SISO E RISO

Na corte medieval o bobo
era o único que podia dizer a verdade
e hoje o palhaço leva a sério o seu trabalho:
Então os senhores das decisões
sisudos, resolvem coisas sérias
custodiam as leis e as regras
que permitem o bom funcionamento
de nossa sociedade organizada:
desempenham bem suas funções
e os olhos se vêem cegos para o fato
de que crianças morrem de fome de uma maneira
que tem a ver com as leis e as regras que fazem
o bom funcionamento da máquina.

São tão limitados os loucos e os bêbados
em suas más ações
e enquanto isto as pessoas plausíveis
não percebem que estão serrando as pernas
da cadeira onde estão sentados.

ECO DO ETERNO

Quando deitou-se o sol
no doce verde suave da relva na serra
as sombras se misturaram com a noite nascente
os olhos buscaram as luzes da noite
estrelas e vaga-lumes no vestido da bela mulher noite;
camponesas velas e lampiões, crianças e passarinhos
buscar do silêncio fértil
como terra escura de aluvião
luz da bênção elétrica e beijos
beijos de quem ao lar retorna.
Tarde se faz a tarde, olhos da noite
mulher de farta cabeleira brilhante
a via do leite morno na noite fria.
Fez-se em lua o disco de fogo
lareira acesa jogo de salamandras no inverno
vento sul forte jogo de sílfides
primavera próxima de flores e abelhas.
Que o homem em criança torne
busque seio e o beije suave
goze do outro gozo que não labor
labute no cavucar o corpo da amada
enquanto esta, fértil no cio
se abra e se busque, alcance
do seu companheiro o cerne do prazer
partilhe com toda a noite e a vida
o cósmico orgasmo tão simples como apenas
macho e fêmea se encontrando.
Cães e éguas, corujas e sapotis
grilos e coaxantes rãs, todas as mariposas
flores de manga apontando o creme quase dourado
pipilar de estrelas e satélites artificiais.
Noite faz-se como mulher
é doce, com gosto de mulher que amo
agora que me caia o sono companheiro
a mim e a meus filhos, meus amigos
toda esta gente que vestiu-se de árvores
ou corpos animais, alfaces e humanos
para que o som vazio do eterno
encontre eco.

CRISANTO BORGES***HAICAIS**

Por um momento
nas folhas paradas
descansou o vento

O dia amanheceu
apagando os vaga-lumes
que a noite acendeu

De onde estou
tentei pegar o vaga-lume
mas ele se apagou

Você precisa ver
o que o Haicai
tem a lhe dizer

A neve adormeceu
no cume do monte
é se esqueceu

Os espinhos
protegem a rosa
com carinho

O ceguinho não viu
a pedra no caminho
mas a sentiu

Cansei de sonhar:
– o sonho
só me fez esperar

A folha que cai
só o vento sabe
para onde ela vai

Grande algazarra
faz dentro da árvore
o canto da cigarra

* Tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia de Alagoinhas (BA). Tem trabalhos publicados em *Sitientibus* n.9.

HENRIQUE RODRIGUES*

OS TELEFONES DE DEUS E DO DIABO

Job dos Anjos, justificava o nome. Paciência era coisa que, de tanta, lhe saía pelo ladrão, como nas caixas d'água cheias. Cismou um dia que falaria com Deus, diretamente. E já que ELE está em toda parte, toda parte está NELE. Assim, nos telefones também estaria. Mas, como encontrar o número do telefone de Deus? Chegando à matemática, meditou por não encontrar o número no catálogo. De onde lhe veio a idéia, não perscrutou. Multiplicou 365,6 correspondente aos dias do ano, pelo número de semanas, 52, e ainda pelos dias de cada semana, pelas horas do dia, os minutos de uma hora e os segundos de um minuto. Deu um número gigantesco. Extraiu a raiz cúbica e dela a quadrada. Dividiu pelos dez mandamentos da Lei DELE, e com um número reduzido a fração, começando por 0,2, tirou o fone do gancho e foi discando. Custaram a atender, e Job dos Anjos arriscou:

– Deus deve estar dormindo, pois já passa da meia-noite. Dizem que ELE descansou no sétimo dia, é hoje sábado. Deve ser isso.

Finalmente uma voz doce atendeu, Job foi logo perguntando:

– É do Céu? Quero falar com Deus...

– É o próprio... Quem é e o que deseja de mim?

– É o Job dos Anjos, falo da Terra e desejo muita coisa.

– Vai falando antes que eu perca a paciência. Vocês são uns chatos. Toda hora me invocam para ninharias...

– O Sr. sabe o que está acontecendo aqui no Brasil?

– Claro que sei. Eu sou Deus e sei de tudo. Fiz tudo muito bem feito para a vida na Terra. Eu fiz, mas vocês deixaram que o Diabo tomasse conta. Agora se ralem. Telefone para ele. Mas, acho que até o Tinhoso também já se mandou daí, assustado com a supremacia dos homens em relação a ele.

– Mas o SENHOR poderia dar um jeito. Dizem aqui que A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS. Mas nós do Brasil, confiantes nisso e o SR. falando pelo povo, mandou eleger um presidente, que com sua 'tropa', levou este Brasil para o desastre.

– Eu sempre falei pelo povo, nos saudosos tempos em que o povo me ouvia. Mas, o diabo fez com que o povo passasse a ouvir a voz dos políticos, que fingem defender os interesses do povo, mas que só defendem o interesse de seus bolsos e de seus parentes. Não fui eu quem mandou votar nesse ex-presidente, foi o diabo através dos políticos. Agora está difícil.

– Mas o SENHOR não daria um jeitinho milagroso para acabar com a inflação, com a violência, corrupção, hipocrisias religiosas, todas elas. Aqui tem genocídio,

* Parapsicólogo e Psicobiofísico. Reside em Belo Horizonte (MG). Tem vários livros publicados no campo da paranormalidade. Conferencista espírita.

ecocídio, chacinas todos os dias em graus e número. Olhe que estão pedindo a PENA DE MORTE. Dizem que devemos consultar o povo, porque A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS.

– Agora quem pede sou EU, irritou-se o CRIADOR. Não façam isso. Vocês perturbam minha ordem do lado de cá. Eu mandei aí para a Terra essa turma toda, e diariamente vocês me mandam de volta. Lembra-se dos 111 do Carandiru? Eu tinha feito a faxina aqui, e não é que vocês devolveram todo o lixo para o Céu? Procurem guardar bem guardadinhos esses marginais do roubo e do crime, alimentem bem eles, lembrem-se dos “direitos humanos”, e que ninguém tem o direito de tirar a vida que eu dei. Nem deles nem dos abortados, frutos da sensualidade exagerada. Coitadinhos dos homossexuais, dos drogados, dos prostituídos. Eles merecem amor, embora vocês não tenham a mínima idéia do que seja amor. Fiquem com eles, e só não digo “pelo amor de Deus”, porque *amor a mim*, é o que *vocês não têm*. Até quando fazem uma esmola debitam na minha conta. Vocês não dizem - “Quem dá aos pobres empresta a Deus?” Ninguém, saibam, me empresta nada e eu não devo nada a ninguém. Ou pensam que eu sou banco onde estão fazendo depósitos para virem para aqui?

– Então não tem jeito? Lastimou-se Job dos Anjos.

– Não, não tem... E sabe de uma coisa, vá para o diabo e me deixe em paz.

O telefone foi desligado. Job tentou outra vez, mas viu que Deus havia deixado o telefone fora do gancho. E, seguindo o conselho de Deus, resolveu telefonar para o diabo. Qual seria o número:

Multiplicou os sete pecados capitais por 365,60, correspondentes aos dias do ano. Multiplicou 10, número de pecados que cada um comete por dia, segundo estatística digna de crédito, dividiu por dois, já que os pecadores são homem e mulher. Como o número ainda fosse grande, buscou o máximo divisor comum, e voltou a dividir pelo milhar do jogo do bicho naquele dia. Novamente fração, começando por 0,2.

Uma voz cavernosa atendeu.

– Fala Lúcifer (cheio de luz), também apelidado de Satanás, das profundezas infernais. Quem está na linha e que quer de mim?

– Aqui é o Job dos Anjos, da Terra, que deseja pedir-lhe clemência para os brasileiros, principalmente. Foi Deus que mandou procurá-lo.

– Tinha que ser ele, meu eterno inimigo. Só me manda abacaxi, que não é fruta. Qual é a tua, nego? Fala logo, antes que lhe mande fogo pelo fio.

– É que o Senhor montou o inferno aqui na Terra. Isto aqui está um fogo terrível. É pistola, metralhadora, fuzil, canhão, bomba atômica, AIDS, pornochanchada na TV etc... e muito etc... O Senhor nem imagina. Dá um jeito.

– Eu? nada tenho a ver com o que está se passando aí no Brasil e no mundo. Eu apenas semeei. Mas, vocês adubaram, colheram e aumentaram a produção. Me ultrapassaram com requintes. Olhe, que estou seguindo para aí no Carnaval e na Semana Santa também, porque nessas todo mundo entra na ociosidade, na farra, na libertinagem, nos porres, em vez de irem para as igrejas, templos, Centros Espíritas, terreiros de umbanda, meditem sobre Aquele que inutilmente

se imolou numa cruz para livrá-los das minhas influências... e, pelo visto, eu ganhei a guerra. Mas, estou indo aí, para aprender maldades com vocês, porque, hoje, eu e meus colegas, somos pintos, diante dos galos que vocês são. Agora somos alunos, e vocês, os mestres. E, sabe de uma coisa? Me deixem em paz. Não joguem a culpa dos erros do mundo em mim. Estou farto de tanta injustiça.

Mandou uma chispa de fogo pelo fio, queimou a orelha do Job dos Anjos, e a ligação foi interrompida por um curto circuito.

E agora José, ou melhor, Job? Nem com Deus nem com o diabo. A solução foi deixar como estava para ver como ia ficar. Deus e o diabo tinham razão. "A terra é um inferno porque os homens são uns demônios. Se eles se transformarem em anjos, ela será o paraíso", alguém já disse. A situação do mundo era obra dos homens, e sempre se disse que "quem botou Mateus no mundo vai ter que embalar o Mateus".

Passou-se um mês e, um dia, chegou a conta telefônica do Job dos Anjos. Um débito gigantesco, que de tão grande, havia sido calculado em dólares, sim, porque a economia do Brasil já estava dolarizada extra-oficialmente.

O primeiro telefonema que ele, Job dos Anjos, julgava ter sido para o Céu, correspondia, começando pelo 021, ao do Rio de Janeiro, os sete números seguintes, ao do Hospício Nacional de Alienados. Por algum 'enguiço' técnico, os restantes foram ignorados. Tarde da noite, perambulava o doido Deusdedite, conhecido apenas por Deus, quando ouviu, no gabinete do diretor, aquela hora ausente, o telefone tocar. Ao ouvir o Job dos Anjos dizer que queria falar "com Deus", não teve dúvidas, era com ele, e como tal, respondeu às perguntas do Job dos Anjos. E não é que em muitas respostas o louco teve 'lucidez'. Como podem ver, o engano foi do Job, não do DEUSdedite.

O segundo telefonema, ainda com o 021 como prefixo, caiu no telefone celular de um bicheiro encarcerado na penitenciária de segurança 'mínima', tanto que de lá fugiam diariamente os aquartelados. Mas, o bicheiro era carioca e gozador. Percebeu que tinha um otário na linha e, na falta de entretenimento, passou-se pelo diabo. Experiência tinha de sobra, e foi com base nela que respondeu às súplicas do Job dos Anjos. O nome dele era Luciano, e não Lúcifer, confusão feita pela similitude de nomes.

Job dos Anjos foi à Central Telefônica, e é evidente que ninguém acreditou na história dele. Um zeloso funcionário arriscou uma orientação:

— Porque você, Job dos Anjos, não pede a Deus ou ao Diabo para pagarem a conta?

HERIVELTON FIGUEIRÊDO**O MITO**

E o lobo de olhar profundo
lançou seu afeto e fúria
sobre ela, animal no cio e fera
potencial da espécie humana
sinfonia rebelde e bela
e da cidade as aranhas
clitóris clitóris...

E o lobo excitado
feito lâmpada acesa na madrugada
rios e pedras a invadir a cidade
regata humana que era...

* Nasceu em Feira de Santana(BA) onde reside; ex-aluno da UEFS, artista plástico.

POLÍNEA

Importa-me a razão maisqueador

não mais que desrazão poesia e arte
poesia é febre e noite
larva quente a poesia écolina
e não adiantam as cordas
e os nós escusos
Lobatos vorazes polínea

E se me importo a poesia é arte
e forte... e mal-humorado me encontro
sobre as estrelas frias

A poesia é gosmabranca
cerimonial expressão inseto.

ELA

aranha e teia
fuligem-luz
da cortina negra urbana
lucidez
da serpente
de olhar gigante

e
sobre a cortina
da cidade
lançará bem distante
seu fio gestante
a fiandeira da aranha

pura
abordagem
contemporânea.

ELLE

araignée et toile
suie-lumière
du noir rideau urbain
lucidité
du serpent
au regard géant

et
sur le rideau
de la ville
l'araignée filante
son fil enceint
jettera au loin

pur
abordage
contemporain

Tradução: Prof^a Leonor Abreu (Dep. de Letras e Artes-UEFS)

J. HERMES***PÁGINAS, PÁGINAS**

Escrevo!
E quando o faço,
procuro registrar
em páginas singulares
os fatos, quase dramas,
histórias simulares...
Escrevo!
E deixo irresoluto
A marca do meu traço,
do meu perfil anônimo;
do modo pelo qual
ao mundo me integro,
e à vida me enlaço.
Escrevo!
Páginas, que são páginas,
pungentes e marcantes,
solícitas, envolventes;
nas quais eu me refaço...
Escrevo!
E quando o faço,
Rebusco consciente
a musa, o roteiro,
o tema ou mesmo o passo
que leva-me a Deus,
Tornando, destas páginas,
quem sabe,
o maior traço.

* JoséHERMES de C. Fernandes. Natural de Santa Luz (BA), reside, atualmente, em Feira de Santana(BA). Formado em Administração pela UEFS, é funcionário da Caixa Econômica Federal. Declamador, palestrante espírita. Publicou *Revelações* (poemas) e *Fragmentos* (poemas, reflexões), em 1993.

PRAÇA E POVO

Emirge do nada
 o povo,
 a plebe,
 a multidão.
 Eclode dos distoantes
 recantos;
 Trazendo na voz,
 o protesto,
 o lamento,
 os cantos...
 Preenche os espaços
 da praça,
 o povo, com suas verdades
 ou ilusões.

Praça e povo
 se entrelaçam,
 em uma só razão
 ou desencanto...
 É que “a praça é do povo”,
 disse o poeta
 em seu refrão.
 E o povo redescobre a praça,
 para clamar, sofrer
 e expor sua moção.
 Pois, praça inexiste
 sem povo;
 E povo sem praça,
 não tende a existir
 pra retomar ou refazer
 uma NAÇÃO!

MENINOS SEM RUA...

De onde surgiram?
Talvez do plácido
acaso,
Ou são vertentes do nada,
Crias da rejeição;
Que desintegra a vida,
desarticula a honra,
e embrutece a razão.

O que buscam?
Aflitos, atônitos, afoitos?
Em vagueios descabidos,
repletos de incertezas?
Buscam o porvir, displicentes,
em auto-destruição;
Forjando iniquidades,
vorazes e inconseqüentes.

Meninos *sem* rua,
Sem marquises e calçadas
como lares ou acalentos!
Já não te cabem as praças,
nem vielas ou as vias;
Porquanto a morte
os espreita
com tétricas rajadas frias...

Meninos *sem* rua,
Sem passado,
Sem momentos
Destroçados pra o futuro,
Talhados de delinqüentes,
Até quando ??
Até quando, tais lamentos ?...

MANOEL D'EÇA**NATUREZA BELA**

Dura tempestade fria
escura nuvem vaga
como mulher afaga
arrebata ao sol o amanhecer do dia.

Vem uma flor agonizante
ver-se pateta em pavor,
a água sutilava levando a flor
em tormenta aduna a natureza
corre o homem, sem certeza
morigera seu querer pelo calor do amor.

Suga igual à abelha
as flores são seu ninho
é verde o orvalho no caminho
vive pelo leite da ovelha
dorme, acorda em parelha.

Mutilado como caranguejo
fovente à tortura da folha
o carrasco, o terror da floresta
fugente no mato de hora em hora
é travessura, zarolho, um peixe que resta
jogava fora a lama na rua.
Fica a dúvida da verdade
para quem não sabe se é realidade.

* Nasceu em Coração de Maria (BA) e reside, hoje, em Feira de Santana (BA).
É aluno da Universidade Aberta à 3ª Idade (UATI).

SONO EM GUERRA

Dormia pouco à noite
quando sonhava no abismo
aberto aos meus pés
esse vale profundo
como um amargo pranto.

Vem da cova num longo estilo
a multidão ou almas musas
arcanjos rezando em lágrimas
de modo espantoso
proibindo meu olhar.

Pelo vasto mundo
elas saíam a girar,
cabeleiras em tranças flutuantes
faziam aos meus olhos chegar
com o semblante de antes.

Ainda que há um século atrás
não passasse de um sonho
mas desafiante – audaz
quem são essas mulheres nuas?
Que vêm de um porto
quando ainda vida quero

O caminho alcancei
e quem me cravou o peito
jogaram-me para a quinta cova
em uma rocha tão íngreme
pensei... Seria um obstáculo!...

MIGUEL CARNEIRO

A CASA AMARECENTE

... todas as cruzeiras das aldeias, as mesmas cruzeiras que dominam os nossos mortos...

André Malraux, em *Le Temps du Mépris*

A primeira vez que estive na casa amarecente, eu era apenas uma criança acompanhando um ancião, em sua caminhada pela pequena cidade. Eu não entendia porque aquele homem de olhar perdido, terno verde-musgo, vivia cercado de tantos mistérios. Deduzi que abatia-se sobre ele uma névoa de tristeza.

Sempre, sempre aos sábados o velho tomava as minhas mãos como bengala, para que lhe conduzisse à casa doze da Rua Coronel Marcolino Mascarenhas. Retiravam de um quarto escuro, grossos livros forrados de tecido azul e passavam um quarto de hora à manusear aqueles manuscritos, com uma pequena lupa, em silêncio. Ao fundo, o *mihrab* indicando o caminho para se chegar a Deus. Um dia, pelos sussurros, descobri que os exemplares que manuseavam, tratava-se do *Livro das Canções* de Abul-al-Faradj. Ambos estavam ficando cegos e em algumas ocasiões auxiliiei-lhes também na procura da garrafa de *cognac* que escondiam, na dispensa da casa. Brindavam um ou dois cálices. O tempo suficiente para que o sino repicasse na hora do *Ângelus*. Despediam-se sem trocar apertos de mãos, depois eu segurava as mãos trêmulas do velho pelas escuras ruas do arruado.

Por alguns meses, o velho esteve com problemas de saúde. O reumatismo o atacara sem piedade, deixando-o acamado. Nesse período, o homem de terno-verde não viera lhe visitar e nem por isso deixaram de trocar correspondência.

À noitinha eu era portador de um pacote ocre, para ser entregue na residência do seu amigo. Da nossa casa à do homem, em teria de atravessar a praça. Neste horário, o farmacêutico estava na porta de olhar enviezado, jogando dominó com os comerciantes vizinhos. Adiantado o passo, alcançava a casa do destinatário. Ele sentado placidamente na sua cadeira de espaldar, trocávamos, silenciosamente, o tal pacote por um saco de bombons, que eu devorava no trajeto de volta. Ao chegar em casa, o velho já estava à mesa orando os Salmos de Davi, preâmbulo de quase todas as refeições. Com a cabeça indicava-me que eu sentasse para o jantar. Na mesa, ninguém sabia do pacote ocre.

Os coronéis foram marchando um a um, como espigas esquecidas de uma plantação, e as ruas ficando cada vez mais desertas. O mata-pasto invadindo as

* Jornalista, poeta, ficcionista. Publicou pela EGBA, *Pelas lupas do Jaguaracambé e outros poemas* e, em 1976, na França, com tradução de Pedro Vianna, – *Poèmes*. Participou de *Sitientibus*, n. 8.

soleiras das portas, e as pesadas janelas despencando sobre o parapeito de carrara. Dias que parecia uma cidade fantasma. Não havia ninguém às ruas apenas o sol queimando os narcisos das Moças da Jurema.

Quando retornava do Osvaldo Cruz, meu velho estava na porta, grifando um velho livro de *Cura D'Ars*. O tempo parecia atingível, não escorria de minhas mãos pequenas. O azulão do avarandado cantando de estalo e Cassimira voltando do Jacuype com as roupas alvas de anil. O tempo tinha cheiro de roupa lavada.

Num Novembro com o céu cor de chumbo, meu avô ficou cego. Levei o último pacote ocre. Quando retornei, não o encontrei à mesa. A casa em penumbra e a avó segurando as mãos de seu companheiro com a vela em chamas. Morreu anoitecendo num crepúsculo. Aquele homem também acompanhou o cortejo. Abdias: o administrador da necrópole da vila.

RAYMUNDO LUIZ LOPES

HAICAIS

Guarda-sol, em Brasília,
não encobre a vergonha
dos gabinetes.

Os verdes olivas.
As botas calcinando
a tez da mata.

Calor de verão.
A bola de melancia
passeia na horta.

A capivara
saindo d'água não vê
o vil engenho.

Olhando o sol
a lua de verão ri.
Amor ano-luz.

No Campus da UEFS
dentes de lobo perdido.
Silencio na paz.

Sonho de verão.
No singelo canteiro
o crisântemo.

Descendo em véu
a cachoeira lava
o rastro do homem.

Esquecimento.
Ó Itapororocas.
Lacre partido.

Orto partido.
Dez mil nuvens de viés.
Sol no poente.

Efêmero tom.
Intervalo do tempo.
Céu de outono.

Editor de *Sitientibus*, tem vários trabalhos publicados desde o primeiro número.